

# O DISTRICTO DE AVEIRO



PUBLICA-SE A'S TERÇAS E SEXTAS FEIRAS.

Preços: (com estampilha)

Anno, 35540 réis — Semestre, 15770 réis — Trimestre, 935 réis.

Subscreve-se e vende-se unicamente no escriptorio da administração, rua Direita n.º 24. — Publicações de interesse particular, são pagas — Folha avulsa, 40 réis — Anúncios, 20 réis por linha — Correspondencia não franqueada, não sera' recebida — Artigos mandados a' redacção, sejam ou não publicados, não serão restituídos.

Preços: (sem estampilha)

Anno, 35000 réis — Semestre, 15500 réis — Trimestre, 800 réis.

NUMERO 43

TERÇA-FEIRA 26 DE NOVEMBRO DE 1861

PRIMEIRO ANNO

## AVEIRO

Foram effectivamente eleitos para a camara municipal do futuro biennio os srs. Manoel Firmino d'Almeida Maia — Basilio Matheus de Lima — Francisco Manoel Loureiro — João José da Costa Azevedo — Manoel Ventura da Silva — Jeronimo de Carvalho Saldanha — João Marques Mostardinha.

A camara de 1860 a 61 tinha em si alguns elementos heterogeneos, era preciso depurar-se — fê-lo e appareceu reeleita com uma homogeneidade nunca vista.

A camara actual tem por presidente o sr. Manoel Firmino que impondo a sua opinião e vontade aos seus collegas afogentou dois, que por seu caracter bem conhecido não se prestaram a servir de capachos do seu presidente.

Lançou-se isto á conta de desprezo pelos negocios publicos e repeliram-nos — era justo que assim acontecesse era mesmo preciso, porque qual quer que seja a intenção da camara não pode levar-se ao fim sem accordo dos seus membros.

A camara actual precisava, depois de depurar-se, que reelegesse; precisava continuar com o seu programma de compadrias e vanglorias.

Durante a actual camara criaram-se empregos, que até aqui não tinham sido precisos, distribuiu-se com elles do cofre municipal, augmentou-se a despesa, é verdade, porem que em troca serviram-se amigos, que, posto que não saibamos os serviços que prestam ao municipio, sabemos com tudo muito bem que prestaram optimos serviços ao presidente da camara nas suas aspirações frustradas a deputado por Aveiro. Foi então pela primeira vez que os empregados municipaes deixaram os interesses do municipio para se entremetterem em eleições de deputados!!

Os fundos municipaes foram, pela actual veracção, gastos ou por compadrio ou por vangloria.

Fizeram a malhada pela vaidade de emprender uma obra maior, e para lhe por em letras gordas **Municipalidade de 1860**. Gastaram-se contos de reis e não se escolheram os mestres aptos, não se deixaram assentar os alicerces, não se fez nada com preceito e ella lá está gravemente deteriorada, se não arruinada como se pode ver, ou ajuizar pela somma que o presidente pediu ao governo para a sua reparação.

Fizeram a estrada que da malhada conduz á estrada de S. Bernardo e logo no primeiro anno em que foi transitada arruinou-se por tal forma que era preciso que a actual camara continuasse a servir para não entregar á successora o seu *padrão de gloria* já tão deteriorado!!

Dos restantes melhoramentos municipaes não vale a pena falar se não para mostrar a sua distribuição parcial. Falta-nos o espaço para um exame minucioso, porisso diremos somente como pro-

va da nossa asserção, que sendo Eixo uma freguezia importante pela sua riqueza, e mesmo por ser uma povoação grande e a mais illustrada do concelho de Aveiro, tendo até aqui sido tratada como filha bastarda, continuou do mesmo modo ou peor — nem uma pedra se lá moveu, não obstante o seu estado material.

O presidente contentou-se com uma victoria ás tomadias dos baldios, porem como viu que para fazer justiça era preciso desgostar os *compadres* deixou continuar a usurpação!

A imparcialidade dos d'Eixo não pôde requerer as sympathias do actual presidente, e com quanto entrasse com boa parte no cofre municipal não cresceu deste uma migalha para com ella ser contemplada!!

A escolha dos cidadãos para a camara do seguinte biennio mostra evidentemente como correm os negocios publicos com o actual governador civil.

Não nos cega a ambição, nem tão pouco a aversão pessoal dos futuros vereadores — julgamos, apenas, sem habilitações para exercer este cargo.

Uma camara de analphabetos em Aveiro é um insulto á illustração, que não falta em Aveiro, e quasi todas as suas freguezias, o qual só o sr. Basilio Cabral era capaz de fomentar. Porém era preciso assim — era preciso que junto com o sr. Manoel Firmino fosse eleito quem não podesse representar a intiligencia, nem a propriedade, sem isto não havia homogeneidade possível — sem isto o actual presidente não podia ser reeleito, e nem tão pouco dizer á camara municipal — sou eu =

Está mais que provado, que o actual presidente, além de não poder com tanto, está por tal forma parcial, que não pôde bem dirigir os negocios do municipio: é d'isto que nos queixamos, queriamos ver garantia sufficiente para os melhoramentos municipaes e esta é que falta.

Reste porém o remorso ao governador civil de que as cousas assim corram, pois que as pessoas instruidas e imparciaes do concelho estavam promptas a partilhar esse arduo trabalho; se desampararam a urna, é porque sabiam que este sr. estava determinado a fazer-lhes guerra accintosa, e era conveniente não o compellir a praticar agora o que mandou praticar nas eleições de deputados.

O sr. governador civil já não precisava mais esta prova, para demonstrar a sua inaptidão e parcialidade.

É preciso estar demasiado *agarrado* ao seu emprego para continuar a exercê-lo com taes condições, ou ter pouco pundonor para se prestar de tão bom grado ás exigencias dos amigos.

O desengano ha de chegar a todos, ha de chegar mesmo ao proprio ministro, quando elle quizer comprehender que o sr. Basilio Cabral ser-

virá para *muita* cousa, menos para governador civil de Aveiro.

No dia 21 ultimo ás 2 horas da tarde, começaram a dobrar os sinos da Sé, o que poz logo em grande terror os habitantes desta cidade, porque com rasão presumiram que chegara a triste noticia da morte do sr. infante D. Augusto, que todos os jornaes ainda dão como não livre de perigo. Em seguida ouviram-se tambem dobrar os sinos da camara, e então é que o terror foi completo.

Não podemos deixar de censurar esta falta de previdencia alem de que estamos certos, de que tanto uns como outros não devem tocar a defuncto senão ou por virtude de participação official da morte de pessoa real, ou aquelles (os da Sé) por fallecimento dos prelados diocesanos e seus anniversarios, e estes (os da camara) em anniversarios da morte de pessoas reaes ou suas exequias, quando a camara tome parte directa nellas.

As exequias, por virtude das quaes os sinos da Sé e camara dobraram, eram feitas por uma confraria, — eram puramente particulares: logo não deviam tocar, — d'outro modo estamos arriscados a nos sobresaltarem continuamente com semelhantes irregularidades.

As eleições municipaes foram feitas, no concelho d'Ilhavo, por modo e maneira que já não era costume. Os amigos e protegidos do sr. governador civil tendo esgotado todos os recursos licitos e illicitos, e vendo-se vergonhosamente derrotados, appellaram para a desordem.

No domingo provocaram os seus adversarios, e se não fora o bom senso e a muita prudencia do administrador do concelho, que se houve louvavelmente, teria havido lamentaveis resultados. Hontem procedeu-se ao apuramento. As listas entradas eram 474 extrahiram-se 282 e como nestas tinha a opposição 245 votos, o que já lhe dava a maioria absoluta, arrombaram esta noite a porta da sacristia e a da capella do Sacramento e roubaram a urna.

Já tinham praticado muito escandalo faltava-lhes este attentado.

Não pedimos ao sr. governador civil que providencie como lhe cumpre, porque sabemos que elle o não pode fazer, mas aconselhamos aos eleitores d'Ilhavo, que não esqueçam os seus direitos.

O jornal está a entrar no prelo, não podemos por isso tratar hoje este negocio como devemos e elle merece. No nosso 1.º n.º o faremos.

Desvaneceu-se completamente em Madrid os receios que ali occasionarão as assustadoras e infundadas noticias que para ali communicára o cor-

respondente d'um banqueiro e da *Correspondencia d'Hispanha*.

A este respeito, diz a «Epoca» de 14:

«Todas as noticias, que tinham circulado sobre o movimento em Lisboa por causa do desgraçado fallecimento dos seus principes são infundadas. Não haviam tido outra origem, além d'um telegramma recebido em Madrid por um conhecido banqueiro; porém conhece-se que os seus agentes se assustaram sem rasão, porque nada occorrera que seriamente tenha podido inspirar temores pela sorte das pessoas ou bens dos hespanhoes.

«As partes telegraphicas de Lisboa de 14 pela manhã, annunciam a entrada do rei D. Luiz, com seu irmão, e que não se havia alterado a tranquillidade.

«Mais explicitas são as participações do mesmo dia á tarde e respondendo já ás perguntas dirigidas de Madrid, affirmam, segundo vemos na «Correspondencia», que é falsa a noticia que se disse circulava em Madrid, de que os subditos hespanhoes e as suas propriedades estavam ameaçadas em Lisboa, por causa da morte do rei, e que se houve um momento de agitação, desapareceu immediatamente.

«Não nos enganamos pondo em dúvida a sobrexcitação que se sopunha em Lisboa. O bom senso dos portuguezes não podia resistir a um exame desapaixionado. O que de tudo isto colhemos claramente é que os partidarios da união iberica que todos os dias nos estão fallando das sympathias que os hespanhoes acham em Portugal, não devem estar muito satisfeitos. Os preparativos para celebrar o 1.º de dezembro, anniversario da emancipação, não fallavam muito em favor d'essas sympathias, e bastou que um mal intencionado fizesse correr um boato absurdo, para que não faltasse gente credula disposta a dar aos hespanhoes uma prova do cordialissimo affecto exaltado por projectos de união, que todos em Portugal repellem».

A «Correspondencia de Hespanha» do mesmo dia publica o seguinte:

—Lisboa 14 ás 4 horas da tarde:

«É falsa a noticia que se diz circulava por Madrid, de que os subditos hespanhoes e suas propriedades estavam ameaçados pelo populacho de Lisboa, por causa da morte de D. Pedro V. Se houve um momento de agitação, «desappareceu immediatamente.»

«Este despacho que desmente de modo absoluto os boatos de desordem em Lisboa, demonstra a rasão com que pozemos em dúvida a sua exactidão. Consignando assim, muito folgamos em fazer justiça aos sentimentos do povo portuguez, que chora a perda do seu monarcha, sem se lembrar de offender ninguém por mais que alguns tenham querido abusar da situação em que o havia collocado tão irreparavel desgraça».

## FOLHETIM

### NAPOLES E AS SUAS PROVINCIAS

POR

ALEXANDRE DUMAS.

Cumas e os pelagos.

(Continuação do n.º 39)

Em Cumas era a villa de Terencio Varrão, que Cesar tinha por o homem mais instruido que havia no mundo, e a quem tencionava nomear bibliotecario geral do imperio. Em Cumas era a casa, onde Seneca compoz as *Epistolas*, e as *Questões naturaes*. Era igualmente em Cumas o palacio de Petronio, o marselhez epicureo, a quem Nero chamava: *arbitrator elegantiae*: o arbitro da elegancia; donde lhe ficou o nome d'*Arbitrator*. Em demasia o amava Nero para que Tigellino o deixasse viver. Denunciado pelo prefeito das cohortes pretorianas de ter sido cúmplice na conspiração de Calpurnio Pisão, Petronio nem sequer aguardou a sentença que bem sabia ser de morte. Mandou preparar um banho aromatizado onde se meteu; reuniu os seus amigos em redor da banheira, como já Socrates reunira os seus em redor do leite; abriu as vetas, e como se quisesse gracejar com a morte, — a seu bel-prazer as cerraras ou abria, prolongando a vida até que lhe aprouve morrer. No momento em que já sentia as forças diminuindo, disse-lhe um amigo, que Nero o matava para herdar dois magnificos vasos murrinhos, (1) que eram os objectos mais ricos do seu palacio. Immediatamente elle mandou trazer, e fez em pedações.

(1) De «murrha», pedra preciosa de que se faziam vasos para beber. Trad.

Depois fechou em subscripto uma satyra contra o imperador, gravou-lhe o seu sello; remetteu-lha, outra vez rompeu as veias, e expirou.

Não nos esqueçamos de mencionar na estrada de Cumas para Miseno, *alla Torre Gaveta*, a esplendida villa, onde Servilio Vacia s'enterrou vivo para escapar á morte, e occultar-se dos olhos de Tiberio; pelo que Seneca sempre exclamava, quando tinha logar alguma proscricção:

O! Vatia, solus sas vivere.

Só tu, oh! Vacia, é que sabes viver.

Junto desta villa s'encontrou um grande numero de tumulos gregos, já violados pelos romanos; um pequeno altar, onde s'encontraram ainda as cinzas do sacrificio, e as ruinas d'um grande arco, donde se tiraram os melhores fragmentos, e os transportaram para o museu. O resto ficou no mesmo logar.

A villa de Vacia situada perto do mar era celebre por os antros e rochedos que ali haviam.

A via Domiciana, que costea a parte oriental de Cumas, passa por o meio das villas destruidas, e sepulchros arruinados; resta apenas, — e ainda hoje ali se pode ir ver — um banco semicircular, e pinturas reprentando Europa montada no touro, Phryxo no carneiro, e as nereidas.

Era ali o templo dos Gigantes, que não recebera aquelle nome como o templo de Grigenti, por causa de cariatides sustendo o portico, mas por o colossal tronco de Jupiter sentado, copia do Jupiter olympico, attribuido a Phydias. É provavel que aquelle templo estivesse situado no centro da praça publica de Cumas. Das suas proximidades se tem colligido estatuas, marmores inculpados, capiteis e inscripções importantes.

Perto d'aquelle logar se abriram escavações em 1839; então se descobriu um templo dedicado a alguma divindade egypcia, que deve datar do primeiro ou do segundo seculo; e achou-se igualmente uma estatua d'Anubis, vestido com a chlamide, e varios fragmentos d'estatuas primorosamente trabalhadas.

Decorreu o tempo, e nas escavações mandadas fazer por o conde de Syracuse nestes ultimos annos, descobriu-se o forum de Cumas edificado no tempo dos Antoninos. Era de forma rectangular, e tinha alguns centenares de columnas, sustentando uma friza ornada de labores mui formosos para aquella epocha, posto que já nelles se observa principio de decadencia.

Na frente da columnata se acharam muitas estatuas das quaes nada podemos dizer, porque não as vimos.

Em seguida escavou-se o recinto dos tumulos gregos e romanos, que eram uns poucos de centenares; — ali se encontraram muitos vasos pintados, objectos de vidro de diversas cores, tudo de gosto elegante, e bellas formas; — e alem disso collares e aneis.

Alguns destes tumulos eram decorados com pinturas a fresco.

Porem o que sobre tudo poz em tratos a imaginação dos sabios foram quatro cabeças de cera postas em troncos decapitados.

Destas quatro cabeças só poderam conservar uma, que está no museu nacional, na galeria das pinturas a fresco.

Aos pés do templo do Apollo grego, e paralelo á via *domiciana* está o lago Licola, que é um resto das obros gigantescas, que Nero emprehen-

dia, e pelo que Tacito lhe chamava: *cupitor incredibilium*; (desejoso de coisas incriveis.) Nero tinha sonhado abrir um canal d'Ostia para o lago Averno, mas como nunca o concluiu, as aguas pararam, e formaram o lago Licola, algumas vezes chamado tambem «o fosso de Nero».

Assim como acontece a muitos sonhos, tambem este não passou do esboço.

### Vlagem d'Enecas aos Infernos.

Em 1858 ou 1859 tornaram a começar escavações a alguma distancia de Cumas, e desta vez em grande escala; então se descobriu e desentulhou completamente a famosa abobeda subterranea, que havia desde Cumas até ao lago Averno, e onde nos tempos primitivos se tinham celebrado os misterios de Plutão. Foi alargada no reinado d'Augusto por ordem de M. Agrippa — o grande constructor destradas, templos e aqueductos; e tornou-se então e via de comunicação mais curta e frequentada entre o porto Julio, e as populosas cidades que haviam á beira da estrada, que ia ter a Roma.

Esta grotta, cuja entrada era pouco conhecida, e da qual s'ignorava a antiga celebridade, foi chamada até estes derradeiros tempos a *grotta de Pietro della Pace*. Como o vice-rei conde de Ripacorsa permittisse a um valido seu procurador e escavar thesouros, que estavam lá enterrados, segundo disiam, — Pietro della Pace penetrou no subterraneo d'espada em punho, e segurando um facho na mão esquerda; á sua frente ia um escravo mouro c'uma tocha acceza. Pietro della Pace voltou inteiramente assombrado, com o cabelo estacado, o rosto livido, dizendo

TRIBUNAES

Supremo tribunal de justiça

Sessão em 20 de novembro  
Distribuição.

9610—Aggravante a fazenda nacional, agravado Joaquim Antonio da Costa Seixas; relator visconde de Fornos.

9515—Recorrente a fazenda nacional, recorrido Antonio Peixoto Pinto Coelho Pereira da Silva; relator B. Cabral.

9618—Recorrente José Joaquim da Silva Pereira, recorrido José Gomes de Agra; relator visconde de Porto Carrero.

9619—Recorrente Francisco de Moura Coutinho d'Almeida Eça, recorrida D. Iñez Francisca de Salles Paiva; relator Mello.

9622—Recorrente Domingos José dos Santos Lage, recorrido Antonio da Cruz Pinheiro, e mulher; relator Caldeira.

9624—Recorrente Joaquim de Oliveira Maia recorrida a fazenda nacional; relator visconde de Porto-Carrero.

9625—Recorrente Antonio José Ferreira Gonçalves, recorridos os herdeiros de Balthazar Maria de Sousa; relator B. Cabral.

Autos propostos para a sessão de 26 de novembro

8892—Recorrente a camara municipal da cidade do Porto, recorrida a fazenda nacional; relator Ferrão.

8691—Recorrente Jeronymo José d'Araujo Motta e outros, recorrente Antonio José Cabral; relator Ferrão.

9278—1.º Recorrente Agostinho Benito Rago, 2.º recorrente Anna Rosa, recorrido José de Barros Lima; relator Sequeira Pinto.

9209—Recorrente Anna Delfina Ferreira da Costa, recorrido João Ferreira da Costa e Silva; relator Ferrão.

PARTE OFFICIAL

MINISTERIO DOS NEGOCIOS DO REINO

Tendo assumido o governo destes reinos, na conformidade da lei fundamental do estado, e prestado juramento, pela minha proclamação de 14 de novembro corrente, com a solemne promessa de o ratificar em côrtes na sua proxima reunião; e desejando eu satisfazer, quanto antes, este sagrado dever, consignado na constituição politica do paiz: hei por bem, usando da faculdade concedida pela carta constitucional da monarchia no artigo 74.º § 2.º depois de ter ouvido o conselho de estado, convocar as côrtes geraes da nação portugueza para o dia 22 de dezembro proximo futuro, a fim de reiterar perante ellas, nesse mesmo dia, o mencionado juramento, segundo o disposto no artigo 76.º da carta constitucional.

O ministro e secretario de estado dos negocios do reino assim o tenha entendido e faça executar. Paço de Belem, em 19 de novembro de 1861.—Rei.—*Marquez de Loulé.*

Sendo-me presentes as informações dos governadores civis dos districtos do continente do reino e das ilhas adjacentes; pelas quaes se conheceu que o preço medio das substituições de recrutadas effectuadas durante o anno proximo passado, em virtude da faculdade concedida no artigo 50.º da lei de 27 de julho de 1855, e no artigo 9.º da de 4 de julho de 1859, foi da quantia de 78\$679 réis: hei por bem, em cumprimento do preceito do artigo 55.º § 2.º, da primeira das indicadas leis, decretar o seguinte:

Artigo unico. É fixado no presente anno o preço medio das substituições dos recrutados, para todos os effeitos das referidas leis, na quantia de 78\$600 rs.

Os ministros e secretarios d'estado dos negocios do reino e da guerra assim o tenham entendido e façam executar. Paço de Belém, em 22 de novembro de 1861.—Rei.—*Marquez de Loulé*—*Visconde de Sá da Bandeira.*

que vira monstros hediondos a embargar-lhe o passo, e que tinha sido perseguido por phantasmas, até que tornou a ver luz do dia.

Esta grotta que nós visitamos alguns dias antes d'escrver estas linhas, e onde, mais felizes que o explorador hespanhol, não encontramos monstros ou phantasmas, recebe claridade por muitas aberturas antigas, perfeitamente conservadas.

E' este o caminho por onde Virgilio levou Eneas.

O itinerario do filho d'Anchises tem desanimado bastantes sabios que sempre tem errado — particularmente o bom conego Jorio, o illustre *gettatore*, que Fernando 1.º tanto temia.

E tudo isto porque a grotta ainda não tinha sido descoberta. Mais felizes que os nossos predecessores, podemos nós seguir todos os passos do heroe troiano.

Ainda vertendo lagrimas tributadas á morte do seu piloto Palinuro, que fôra arrastado para o mar pelos phantasmas da noite, Eneas surge nas praias euboicas de Cumas:

*Euboicis Cumarum adlabitur oris.*

Já dissemos o que era o golpho euboico.

Quanto ao lugar onde Virgilio faz apontar Eneas, nenhuma duvida resta. Não é na extremidade do cabo, como pertendem certos sabios, mas sim muito abaixo do monte de Cumas.

Senão bastasse o epitheto — *Euboicis* — appellariamos então para as seguintes linhas: «mas o piedoso Eneas sóbe as alturas, onde preside o elevado Apollo (*altus Apollo*)». O leitor bem se recorda que o templo d'Apollo de Dedalo dominava a cidade de Cumas.

MINISTERIO DOS NEGOCIOS ESTRANGEIROS

N.º 129.—Illm.º e ex.m.º sr.—Hontem pela manhã tive a honra de receber o fatal despacho telegraphico que v. ex.ª me havia dirigido ás onze horas e um quarto do dia antecedente, participando-me que Deus Nosso Senhor havia chamado á sua santa gloria o nosso augusto e nunca assás chorado rei o senhor D. Pedro V, de saudosissima memoria.

Não posso exprimir a v. ex.ª a violencia de dôr que me causou a noticia deste terrivel acontecimento com que a Providencia Divina quiz castigar a monarchia portugueza, privando-a de um rei sabio, justo, prudente, e que em todas as occasiões se havia mostrado um verdadeiro pae dos seus povos. Foi curta a sua duração, mas eterna será a sua memoria. Os empregados nesta legação acompanharam-me nos meus sentimentos, assim como todos nós beijamos respeitosa e reaes mãos do nosso novo soberano o senhor D. Luiz I, e lhe prestamos o devido juramento de fidelidade, fazendo votos pela duração e prosperidade do seu reinado.

Fico na intelligencia de que S. M. o senhor D. Fernando havia assumido a regencia do reino até á chegada a Lisboa do novo soberano. Particpei logo a lord Russell tanto o fallecimento do senhor D. Pedro V como a temporaria regencia do senhor D. Fernando, assim como a suspensão das minhas funções até receber novas ordens do novo soberano. Pedia porém, ao secretario de estado quizesse ter a bondade de attender a qualquer comunicação que me parecesse conveniente dirigir-lhe.

A rainha e o principe seu esposo têm dado as maiores demonstrações de sentimento.

Rogo a v. ex.ª queira ter a bondade de, em meu nome e no dos empregados desta legação, beijar as reaes mãos de el-rei o senhor D. Fernando, e de levar á sua real presença a expressão do meu profundo respeito e sentimento pela dolorosa perda que S. M. e toda a nação portugueza acabam de experimentar.

Faço votos pelo restabelecimento do serenissimo infante D. Augusto.

Deus guarde a v. ex.ª Londres, 13 de novembro de 1861.—Illm.º e ex.m.º sr. Antonio José de Avila.—*Conde de Lavradio.*

Illm.º e ex.m.º sr.—No momento em que eu me dispunha a dar conta a v. ex.ª da maneira eminentemente cordial e affectuosa com que SS. AA. os senhores infantes D. Luiz e D. João foram recebidos em Compiègne pelo imperador e pela imperatriz dos francezes, fui dolorosamente surprehendido pela noticia telegraphica de que el-rei o senhor D. Pedro V se achava gravemente doente! Desde então não cessaram SS. MM. imperiaes de mandar saber a esta legação se eu tinha melhores noticias do estado de S. M. fidelissima, do que aquellas que haviam recebido por via do conde Guitaud. Hoje veio o despacho telegraphico de v. ex.ª confirmar a terrivel apprehensão de que eu estava possuido! Mal posso descrever a v. ex.ª a afflicção que me causa a perda do nosso augusto soberano! Acabrunhado ainda por tão doloroso golpe, limito-me a supplicar a v. ex.ª que haja de beijar em meu nome, no de minha mulher e no dos empregados desta legação, as augustas mãos de el-rei o senhor D. Luiz I e de el-rei seu augusto pae, em testemunho da profunda consternação em que nos lançou tão grande desgraça.

Um ajudante de campo do imperador veio hoje mesmo, em nome de SS. MM. imperiaes, testemunhar-me a profunda dor que lhe causara tão grande catastrophe.

Deus guarde a v. ex.ª Pariz, 12 de novembro de 1861.—Illm.º e ex.m.º sr. Antonio José de Avila.—*Visconde de Paiva.*

(Diario de Lisboa de 20 de novembro.)

Illm.º e ex.m.º sr.—Em continuação ao meu officio n.º 177, tenho a honra de levar ao conhecimento de v. ex.ª que a dolorosa impressão,

Se Eneas tivesse aportado ao cabo Miseno, ter-lhe-ia sido mister transpôr a distancia de tres ou quatro milhas para chegar a Cumas, depois costear o Lethes, atravessar os campos elysios, costear o Acheronte, e seguir pela beira do mar.

Ora Virgilio havia de acautellar-se bem de não levar Eneas e seus companheiros por um caminho, que dentro em dois ou tres dias tinha de pisar em sentido opposto na companhia da sibylla.

Não.—Virgilio é positivo;—Eneas pója na costa do golpho euboico, trepa ao monte de Cumas, e logo penetra no antro immenso e tenebroso da formidavel sibylla.

*Horrendaque procul secreta sibyllae*

*Antrum immane petit.*

Este é o mesmo antro cuja bocca liante ainda hoje assoma na encosta da montanha.

A sibylla chega conduzida pelo fiel Achates, e já do liminar do antro exclama: «é tempo de interrogar os fados; o deus, eis o deus! . . . .»

*Deus, ecce Deus!*

Então solta Eneas a magnifica invocação a Apollo:

*Phebe, graves Trojae semper miserate labores.*

«Se arrastado por amor piedoso, lhe respondo de a filha de Glauco, queres absolutamente «duas vezes passar a lagoa stygia, ver duas vezes o Tartaro tenebroso; e se te agrada emprehender tão insano trabalho, escuta o que «tens de fazer primeiro. Occulto entre a folha «gem d'arvore opaca está um ramo de folhas de «ouro consagrado a Juno infernal; está abrigado «do á sombra do sagrado bosque, e todos os

que causou a todos os subditos portuguezes a inesperada e cruel noticia da morte de el-rei o senhor D. Pedro V, tem sido geralmente partilhada pelo povo francez. Não houve um só jornal deste paiz que não deplorassem nos terminos mais sentidos a immensa perda que a familia real e o povo portuguez acabam de soffrer. O imperador não se limitou a mandar testemunhar-me por um dos seus ajudantes de campo a parte que muito sinceramente tomavam, elle e a imperatriz, na nossa dôr. S. M. imperial, mandando chamar-me á sua presença, repetiu-me, nos terminos mais expressivos, as mesmas protestações de affecto e sympathia pela familia real de Portugal, dizendo-me que, como prova desses seus sentimentos, tomaria luto desde já, e adiaria a celebração da festa da imperatriz, assim como as caçadas e espectaculos em Campiègne. Com effeito o *Moniteur* de hontem publicou um annuncio nessa conformidade, seguido de um artigo consagrado á memoria do nosso sempre chorado monarcha, que Deus tenha na sua santa gloria. A princeza Mathilde mandou aqui o seu viador, e o principe Napoleão, assim como a princeza Clotilde, mandaram um camarista testemunhar-me os seus sentidos pezaes pela prematura morte do senhor D. Pedro V. Todos os chefes de missão, os membros do ministerio, a maior parte dos altos funcionarios do estado, e grande numero de outras pessoas, muitas das quaes me são desconhecidas, têm vindo inscrever-se nesta legação, testemunhando por este modo quanto sympathisam com a nossa justa dôr. Julgo do meu dever transportar-me amanhã ao paço de Compiègne para cumprimentar a imperatriz em nome de el-rei o senhor D. Luiz, e de seu augusto pae, por occasião do dia de Santa Eugenia, e a fim tambem de manifestar a SS. MM. imperiaes quanto SS. MM. fidelissimas terão sensiveis ás demonstrações de affecto que têm recebido da familia imperial de França na triste e dolorosa conjuntura porque passámos.

Beijo com o mais profundo acatamento as augustas mãos de el-rei o senhor D. Luiz I, e de el-rei o senhor D. Fernando II, com a expressões dos meus mais ardentes votos pela prosperidade do novo reinado.

Deus guarde a v. ex.ª Pariz, 14 de novembro de 1861.—Illm.º e ex.m.º sr. Antonio José d'Avila.—*Visconde de Paiva.*

Legação de Portugal na Belgica.—N.º 45—Illm.º e ex.m.º sr.—O pesado golpe que o ceu descarregou sobre esse reino, chamando a si o virtuoso Soberano, que com tanta distincção occupava o throno portuguez, produziu n'esta côrte a mais viva e dolorosa impressão; e todas as classes da sociedade, a principiar pela familia real, tem sido unanimes em testemunhar o sentimento de magna que lhes inspira a prematura morte de sua magestade el-rei o senhor D. Pedro V, que n'este paiz havia adquirido a sympathia de todas as pessoas que tiveram a honra de o conhecer.

Quanto a mim, ex.m.º sr., não sei que diga, nem que escreva a v. ex.ª n'esta occasião. Faltam-me palavras para exprimir quanto é grande a minha afflicção e o meu desgosto. Direi só que me associo do coração á dôr que tão infauto acontecimento deve causar a todos os portuguezes, e que a Deus Nosso Senhor dirijo ardentes votos para que o Soberano, cuja perda deploramos, depare no ceu aquella ventura que na terra nunca encontrou.

Sirva-se v. ex.ª levar aos pés de suas magestades el-rei o senhor D. Luiz e el-rei o senhor D. Fernando, assim como aos serenissimos senhores infantes, e expressão dos meus sentidos pezaes.

Deus guarde a v. ex.ª Bruxellas, 13 de novembro de 1861.—Illm.º e ex.m.º sr. conselheiro de estado, Antonio José de Avila.—*Visconde de Seisal.*

Legação de Portugal na Belgica.—N.º 46,

«valles visinhos o protegem com a sua obscuridade. A ninguém é dado penetrar nas habitações subterraneas sem ter colhido da arvore o «ramo d'ouro. A formosa Proserpina decidiu «que se ofertasse este rico presente. Tirado um «ramo, brota outro, e rebentam folhas do mesmo metal.—Vae pois;—procura o ramo sa- «grado, e assim como o achares, arranca-o. Se «os fados te chamam, verás como segue a tua «mão facilmente; d'outra sorte nenhuma força «poderá vencelo, ou o ferro mais duro cortalo; «—porém em quanto aqui buscas oraculos, lá «jaz na praia o corpo exanime d'um dos teus «amigos (desgraça que ignoras), e toda a arma- «da se cobre de lucto. Vae dal-o á terra, e en- «cerra-o na sepultura. Conduze negras ovelhas «para junto do sepulchro, e sejam essas as tuas «primeiras expiações. Assim poderás ver os bos- «ques stygios, e o reino onde não ha caminho «para os vivos.

«Disse, e calou-se.»

Ouvindo estas palavras Eneas parte a toda a pressa, e corre á praia. A sua chegada cumpria-se a predição da sibylla. Estendido na area jazia Miseno, filho d'Eólo.

Como os generaes de nossos tempos no dia de batalha, assim os heroes antigos trasiam tambem ao pé delles um trombeta favorito. Miseno, que nunca tivera rival em despertar a coragem com os sons do bronze, era trombeta d'Heitor. Heitor foi morto por Achilles, e Miseno seguiu a fortuna d'Eneas. Em quanto este foi consultar a sibylla, Miseno ficou a divertir-se acordando com o som da trombeta os echos da praia, onde ha pouco tinham aportado, e desafiando para a luta

—Illm.º e ex.m.º sr.—Em additamento ao officio que hontem tive a honra de dirigir a v. ex.ª narrando a dolorosa impressão produzida n'este paiz pela infesta morte de sua magestade fidelissima el-rei o senhor D. Pedro V, é do meu dever participar a v. ex.ª que logo que a sua magestade el-rei dos Paizes Baixos constou tão infeliz successo, ordenou pelo telegrapho ao seu ministro em Bruxellas de immediatamente levar ao representante de Portugal n'esta côrte a expressão do vivo sentimento que esta cruel perda havia causado á familia real neerlandeza, desejando que este testemunho da sincera parte que ella toma em tão acerba dôr chegasse quanto antes ao conhecimento do novo soberano portuguez e de sua magestade el-rei o senhor D. Fernando.

Queira v. ex.ª ser o interprete perante aquelles augustos personagens d'estas sentidas expressões de pezaes e de sympathia.

Junto ao presente officio remetto a v. ex.ª exemplares das principaes folhas d'esta capital, contendo artigos necrológicos acerca do joven soberano, cuja prematura morte é unanimemente deplorada. V. ex.ª observará que a imprensa belga faz a devida justiça as eminentes qualidades e virtudes que distinguem o fallecido monarcha.

Deus guarde a v. ex.ª Bruxellas, 14 de novembro de 1861.—Illm.º e ex.m.º sr. conselheiro de estado, Antonio José de Avila.—*Visconde de Seisal.*

P. S. sua magestade el-rei dos belgas, como testemunho pela morte de sua magestade fidelissima, tomou lucto de um mez, a principiar do dia 12 do corrente.

(Diario de Lisboa de 22 de novembro.)

CHRONICA DISTRICTAL

Concelho d'Oliveira do Bairro, 22 de novembro de 1861.

(Do nosso correspondente.)

Por toda a parte as eleições camaristicas atrahem as attenções d'uma grande parte dos homens. Uns desejam melhorar a posição dos povos, escolhendo para seus directores homens dotados d'uma probidade inabalavel; outros consultando só as suas ambições e amor proprio procuram o triumpho da urna, sem que o zelo pelos interesses do solo, que habitam, lhe bata no coração.

No concelho d'Anadia tem-se batido a opposição com o governo d'uma maneira valorosa, mas honesta. O administrador daquelle concelho apresenta uma lista que não preenche a vontade dos povos, e a opposição querendo remediar esta lacuna não teve receio de sacrificar os seus trabalhos, pondo-se em campo contra as mesmas auctoridades, mostrando uma lista onde figura o nome do sr. Caetano Rebello: Só este nome deve fazer desmaiar os governantes, e annunciarche a derrota, que á vista da contagem os espera: Os povos hão de comprehender o desejo d'aquelles que lhe fallam ao coração, e concorrem com toda a vontade para o seu bem-estar, sem que se assustem á vista d'essa gente excentrica, que hoje promete mil, amanhã não dá um. O tempo devia já tel-os desenganado desta verdade, que mais tarde lhe fará provar, que encontrou nos seus adversarios aquillo que não acham nos seus amigos.

Não acontece aqui o mesmo neste concelho. O administrador ainda maneebo, mas d'uma sympathia geral, e bondade singular, teve a delicadeza de fazer uma reunião; convidando as pessoas cordatas do concelho a fim de escolherem uma camara digna de exercer a missão de que a vão encarregar. Nesta conformidade tudo vae em paz e socego, devido á prudencia e bom tino do administrador deste concelho.

Diz-se aqui, que existe um requerimento nesse governo civil, em que se pede a mudança da cadeira d'instrução primaria do Troviscal para o lugar do Sobreiro, freguezia da Mamar-

os deuses do mar. Então Tritão se chegou a elle invisivel, e o arremeçou ás vagas, que espumando se partiram nos rochedos.

Eneas, — em quanto ajudado por seus companheiros derruba as arvores, e corta a lenha para accender a pyra, cumprindo os ultimos deveres para com o seu amigo, — medita nos meios d'achar o ramo sagrado; entretanto duas pombas, aves de Venus, vem poisar perto delle. Eneas reconhece o agouro; — são guias mandados por sua mãe; por tanto segue-as logo, e as pombas o conduzem ás margens do Averno.

O Averno n'aquelle tempo não era o que é hoje. Em vez de espalhar nas suas aguas a luz do ceu, era protegido tanto por opacas florestas, quanto por sombrias tradições.

*Facilis descensus Averní,*

disse Virgilio. — Ninguém se aproximava d'aquelle lugar sem fazer libações e sacrificios ás divindades do tartaro. Affirmava-se que uma colonia vinda do Bosphoro cimmerico tinha penetrado nas entranchas d'um monte visinho, e la dentro edificára uma cidade onde vivia, e aonde a luz do ceu nunca chegára. Mas veio um dia em que Augusto mandou cortar um canal entre o lago Averno, e o lago Lucrino, que tinha comunicação com o mar; Agrippa foi encarregado de superintender a obra, e a sua presença dissipou o horror misterioso que envolvia o lago, — horror motivado principalmente por o bosque espesso e sombrio, onde vamos penetrar na companhia d'Eneas. Agrippa mandou derrubar a floresta, a cuja sombra se abrigavam os phantasmas, e os phantasmas desapareceram.

(Continua.)

roza; não podemos comprehender como se avancasse a uma petição tal, nem acreditamos, que o sr. governador civil attenda a incoherencias desta natureza.

A cadeira está bem collocada na freguezia do Troviscal, e passada ella para o Sobreiro iria juntar-se com a da Palhaça, e ficariam os alumnos daquella freguezia ao desamparo, e privados da instrução tão necessaria para a sociedade. E qual será o motivo, porque se requer a mudança da cadeira? Porventura os do Troviscal não estão em igual direito de se instruirem como os da Mamarroza? Porventura os do Troviscal não precisam de instrução como aquelles? Porventura os da Mamarroza não podem requerer uma, como fizeram os do Troviscal?

Nós não sabemos as premissas do requerimento, mas, quaesquer que ellas sejam, não podem passar de mera futilidade. Estamos certos que s. ex.<sup>a</sup> não dará semelhante passo sem colher informações sizadas das pessoas competentes; e nós da nossa parte iremos saber, por meios legaes, quaes são os motivos, que se allegam para essa transferencia para podermos fazer com firmeza as nossas considerações; e mostrarmos a s. ex.<sup>a</sup> a falsidade dos mesmos motivos. Haja desejo, dedicação, e assiduidade da parte dos professores, que estou certo que ha de haver da parte dos povos o mesmo desejo d'applicação para o desenvolvimento intellectual.

Protestamos voltar ao assumpto. \* \*

## NOTICIARIO

**Suffragios** — Effectuaram-se no dia 22 como haviamos annuciado no nosso numero 41 as exequias que por alma do nosso virtuoso e infeliz monarcha o sr. D. Pedro V mandou celebrar a Archi-confraria do S.S. Coração de Maria na sua igreja do convento do Jesus.

O acto correu como todos os que tem logar no real mosteiro de Jesus d'Aveiro, e a elle concorreram algumas senhoras e os empregados de todas as repartições publicas e outros muitos individuos de todas as classes, em todos os quaes se divisavam signaes de verdadeiro lucto no corpo e no espirito.

No fim dos officios recitou o sr. padre Goes um breve panegyrico, em que commemorou as principaes virtudes do grande e infeliz rei, agradando geralmente ao auditorio.

**Mais.** — Teve logar no domingo a missa, que as religiosas do mesmo real mosteiro mandaram rezar por alma do nosso desditoso monarcha o sr. D. Pedro V, como annunciamos no nosso numero antecedente.

Officiou o sr. dr. Sequeira; e no fim da missa houveram os responsos do estylo, que foram entoados pelas mesmas religiosas; e a todo este piedoso acto assistiram algumas senhoras, officiaes do destacamento, e em commissões, empregados publicos, grande numero d'alumnos do seminario, e outros mais individuos.

**Ainda mais.** — Teve hontem logar na igreja da Misericordia d'esta cidade uma missa rezada, que pelos empregados da direcção das obras publicas d'este districto foi mandada dizer por alma do nosso nunca assaz chorado monarcha o Senhor D. Pedro V, e para a qual se quotizaram com um dia de vencimento cada um.

No fim da missa foram dadas duas esmolas de 2\$250 rs. cada uma a dois pobres, que se achem a braços com a fome, pela impossibilidade de trabalhar, uma vez que em tempo algum tivessem sido empregados nas mesmas obras, e nellas mais ou menos se impossibilitassem.

O resto da subscrição ha de dar entrada na caixa economica, a fim de com os seus juros ser applicado a minorar a sorte infeliz da primeira familia, a quem qualquer desgraça incidente levar ou impossibilitar o operario d'obras publicas, com cujos salarios se sustentasse.

Concorreram todos os empregados publicos, e tanto povo, que já não cabia na espaçosa igreja.

**Chegada.** — Chegou a esta cidade o sr. Calderon, engenheiro hespanhol. Dizem-nos que viera inspecionar o começo dos trabalhos da via ferrea e providenciar sobre o seu andamento.

**Solemnidade.** — Apenas em Albergaria a Velha constou a infesta noticia do fallecimento de S. M. F. El-Rei o Senhor D. Pedro V, logo o muito reverendo parcho da freguesia ordenou os dobres dos sinos, que encheram de lucto o coração de todo o povo d'aquelle concelho.

No domingo immediato, tanto a missa de manhã, como á do dia, annunciou o mesmo reverendo parcho, que no dia 20 teria logar na igreja parochial uma missa e officio por alma do nosso chorado e virtuoso monarcha.

Desde a tarde do dia 19 annunciaram os sinos, que aquelle dever sagrado hia cumprir-se. No dia 20 pela manhã celebrou-se o officio com musica vocal e instrumental, e uma missa solemne a que assistiram varias pessoas e familias da villa, trajando todos o mais rigoroso lucto, a qual celebração compungiu a todo o auditorio, pela gravidade e solemnidade com que tudo foi executado.

Nunca nesta freguezia se celebrou acto mais solemne e tocante, e que mais respeito infundisse.

Todos se recordavam ainda de terem visto havia tão poucos annos aquelle mancebo real, então pouco mais do que criança, pernoitar nesta villa; todos se recordavam ainda de o terem visto ha tão pouco tempo, e já adolescente, passar por ali, cercado de todo o affecto e amor do seu povo, e onde todos tinham presentes tantas esperanças, cortadas em flor, e oravam, gemiam, e choravam, porque tamanha desgraça não se pode sentir sem lagrimas.

Honra pois ao revd.<sup>o</sup> parcho desta freguezia, que tão espontaneamente promoveu esta de-

monstração sincera d'amor e saudade pelo nosso monarcha; honra a todos os sacerdotes da freguezia, e aos da freguezia de Valle-Maior, que de tão boa e desinteressadamente quizeram secundar os desejos daquelle revd.<sup>o</sup> parcho; honra finalmente á philarmónica d'Albergaria, que generosa e gratuitamente se prestou a abrihantar aquella solemnidade com o seu valioso concurso, o que prova o amor e consideração que todos tem pelos successos da nossa infeliz terra.

Pena foi que não assistissem áquelle acto as principaes autoridades do concelho, como o administrador, camara municipal, e juiz ordinario, apesar do aviso que o revd.<sup>o</sup> parcho para isso fez na igreja, pois que só ali foram o sub-delegado, administrador substituto, juiz de paz, e um escrívão do juizo ordinario!

Consta-nos agora que a illm.<sup>a</sup> camara municipal vae mandar dizer uma missa rezada na mesma igreja no dia 26 do corrente (dia da feira d'Angeja) para cuja assistencia já convidou os parochos de todo o concelho.

**O sr. D. Pedro V.** — O *Jornal dos Debates*, que é um dos mais considerados e autorizados da imprensa franceza, fallando da morte do sr. D. Pedro V, diz:

«O rei de Portugal está perigosamente enfermo: corre a noticia da sua morte. Era um homem de sentimentos elevados. Morre ainda moço, mas depois de ter vivido nobremente como deve viver o rei de um povo livre. Quem assim viveu, morre sempre cedo para os contemporaneos, e viveu quanto basta para honra da sua memoria.»

Ahi fica concebido em 8 linhas o necrologio panegyrico do sr. D. Pedro V.

Tão breve tão claro, proprio e tão eloquente ainda ninguem o fez assim.

**Naufragio.** — Por officio do consul geral de Portugal em Cadiz, dirigido á secretaria dos negocios estrangeiros, em 3 do corrente, consta que a rasca nacional denominada *Salineira*, mestre Antonio Gomes, que fazia viagem de Aveiro para Alicante, com carga de madeira, naufragara em a noute de 28 de outubro ultimo, na praia de Conil, salvando-se felizmente toda a tripulação que se compunha de doze pessoas, e toda a carga, menos a dita rasca que se perdeu totalmente.

**O que foi o nosso exercito.** — D'um artigo publicado pelo sr. A. F. de Sousa Pinto, no jornal «O 1.<sup>o</sup> de dezembro,» extrahimos o seguinte:

Em 1811 compunha-se de 12 regimentos de cavallaria com 6:710 cavallos, 4 regimentos de artilheria com 4:936 homens, 24 de infantaria com 34:558, e 12 batalhões de caçadores com 7:913 praças, total 54:117 individuos. Isto é, não comprehendendo o casco do batalhão de engenheiros, 4 companhias de conductores, 30 ditas de veteranos, a guarda real da policia com 1:250 infantes e 260 cavallos, nem 5:000 recrutas no deposito geral; finalmente 53 regimentos de milicias com 52:000 homens de guarnição no continente, e 10 nas ilhas com 9:664 praças. E finalmente se deve entrar em linha de conta com 487 capitaniaes môres, e com 1:690 companhias de ordenanças no reino e ilhas.

Depois, segundo o regulamento de 1816, já extincta a guerra, tivemos 12 regimentos de cavallaria com 7:140 homens, 24 de infantaria com 37:248 ditos, 12 batalhões de caçadores com 8:316 praças, 4 regimentos de artilheria com 3:568 homens, 1 batalhão de artifices com a força de 680 praças, 1 corpo de policia com 1:164, a brigada real da mariuha com 932, 4 companhias de artilheiros conductores com 276 soldados, 30 companhias com 3:028 veteranos, sommando 62:353, que junto a 58:600 ordenanças de espingarda, e 133:588 de chuços, prefazia o total de homens 337:384!!

**Carta do sr. Castilho.** — O illustre poeta, o sr. A. F. de Castilho, enviou á redacção da *Revolução* a seguinte carta, que vamos transcrever:

Amigo e collega sr. Sampaio. — Devo uma satisfação a toda a nossa confraria de escriptores; apresso-me em lh'a dar, e o mais publica possivel.

«Apesar do obsequiozito convite, que por parte d'elles me dirigirão os nossos amigos Rebello da Silva e Biester, não me foi dado acompanhá-los hontem no prestito funebre, homenagem nacional, e mui devida, a S. M. o sr. D. Pedro V. O estado melindroso da minha saude, e a prudente cautella do meu facultativo, me tiveram longe d'elles, recluzo em casa, não sem grande magoa minha. Custava-me que me não vissem nessa corporação, á qual me glorio de pertencer, e a cujos individuos me prendem, como toda a gente sabe, affecto inalteravel, e o respeito devido a seus talentos. Mas a esta razão tão forte accrescia outra muito mais subida. O varão mancebo, que se levava, por entre o lucto e sentimento de nacionaes e estrangeiros, do pago ao jazigo, era mais para mim que um simples rei: era um literato e um sabio, amigo, e fautor da literatura e das sciencias; começara apenas, mas com boa mão, a beneficiar-as, quem sabe até onde ellas medrariam, se o tempo, se o progressivo amadurecimento e o constante empenho de acertar, tivessem deixado ao joven principe preencher para a gloria todo o seu destino, assim como o preencheu para o infortunio?»

Ao amigo de toda a instrução; ao fundador ao mesmo tempo de escolas elementares e da faculdade superior de letras; ao presidente da academia real das sciencias; ao que tinha os estudos pelo melhor dos passatempos; ao que praticava de igual a igual com o erudito, o naturalista, o militar, o literato, o philozopho, o poligloto; ao que em tão curta vida, e tão poucos annos de laboriozo

reinado, achou ainda assim ocios para deixar, como affirmam, escriptos de seu punho mais de vinte volumes de *Memorias contemporaneas*, e dois tractados, incompletos mas já crescidos, um da *Sciencia e arte da guerra*, outro da *Instrução e educação popular*; áquelle, emfim, que eu tinha sinceramente admirado, e de quem esperava ainda coisas maximas para a civilização da nossa terra por via da instrução popular; queria eu tambem, como os meus confrades, tributar áquelle dolorosa vassallagem.

Simplez cidadão que elle fosse, mas tão deveras pertencente, como era, ao gremio dos estudiosos, espontaneamente haveria eu concorrido com os que lhe fossem dar a derradeira despedida, e derramaria lagrimas na sua campa, modesta e desenfiteada; acompanhá-o-ia devoto, como acompanhei a Garret e a Fonseca Magalhães; era um irmão, um collaborador, e um amigo, que se azeitava; era uma luz grande, que se extinguia; era mais uma esperança, que transpunha d'onde ha tão poucas.

Tende a bondade de fazer constar tudo isto áquelles nossos cooperarios na civilização.

Tenho a honra de me assignar vosso... etc.

— Antonio Feliciano de Castilho.

Lisboa 17 de novembro de 1861.

**Manifestações de sentimento.** —

(Diz o *Commercio do Porto*) Recebemos do nosso particular amigo e compatriota Manoel Justino d'Azevedo, que hoje se acha estabelecido no Havre, a seguinte carta, que nos patenteia quanto ali fora sentida a morte do senhor D. Pedro V. Não são só os Portuguezes que hoje choram a perda do seu rei muito amado; os mesmos estranhos acompanham-nos na mágoa que sentimos e dão-nos os mais inequivocos testemunhos de sympathia, registrando com saude as virtudes do chorado monarcha.

Havre 13 de novembro de 1861.

**Amigos redactores.**

A «*Presse*» de hontem dá no começo da sua primeira columna a infesta noticia da morte do rei de Portugal nos seguintes termos:

«O rei de Portugal morreu hontem ás 7 horas da tarde. Vivamente impressionado pela morte de seu irmão D. Fernando, foi atacado por uma violenta febre tifoide, á qual succumbiu dentro de dois dias.

O rei D. Fernando, seu pae, principe muito liberal, foi investido na regencia até á chegada do novo soberano o duque do Porto. O novo rei subirá ao throno sob o nome de D. Luiz I.

O estado perigoso de saude do infante D. Fernando, como se lembrarão nossos leitores, resolveu o duque do Porto a deixar inopinadamente Compiègne. Tendo embarcado em Londres no dia 9 do corrente, não saberá da morte de seu irmão e da sua successão ao throno senão amanhã ao desembarcar.

Os sentimentos liberaes muitas vezes manifestados pelo duque do Porto, hoje rei, o tem feito considerar como o mais popular dos jovens principes. O defunto rei nasceu em 1837 e subiu ao throno em 1855.

O rei D. Luiz I nasceu em 31 de outubro de 1838.»

Em seguida, na qualidade de verdadeiro filho do nosso bom paiz, consenti que eu diga duas palavras sobre tão luctuoso assumpto.

A morte do rei D. Pedro V de Portugal, não é sómente sentida e chorada de seus subditos, que lhe queriam tanto e o adoravam ao mesmo tempo como rei e como homem, por sua intelligencia, politica, inteireza e virtudes. E' ella igualmente sentida, podeis crê-lo, em toda a França.

Diversos amigos me tem procurado hoje como para dar-me os pezames pela sensivel perda que os portuguezes de todas as côres politicas acabam de experimentar.

O rei D. Pedro V era um rei popular em todos os paizes e maiormente em França. Diferentes vezes em minhas viagens, e especialmente no Havre ouvi fallar d'elle com um respeito capaz de fazer inveja ao mais elevado monarcha da Europa.

O seu comportamento por occasião da ultima epidemia que houve em Lisboa, a coragem, resignação e abnegação com que se houve, affrontando o perigo entre os moribundos nos hospitaes, a energia de que deu prova, evitando e preservando a capital com seu exemplo, do roubo e assassinato talvez — a obrigação, emfim, moral que impoz ás autoridades de não desertarem diante da devastação, não são estranhos á França; e seu nome por isso era sempre repetido com certa veneração.

Finalmente D. Pedro V deixou de existir, mas seu nome viverá eternamente primeiro em seu paiz que o adorava, e depois em França, onde se sabem apreciar a sabedoria, justiça e amor de um imperante por seu povo.

Não duvidando um momento do vosso amor e respeito pelo nosso bom rei defunto o senhor D. Pedro V, deixai que me una a vós para rogar a Deus por seu eterno descanso, fazendo votos ao mesmo tempo para que D. Luiz I seja seu digno successor imitando sua politica e seus actos de pura justiça e charidade como rei e como homem particular.

Se entenderdes que este apressado esboço de gratidão e verdade do vosso compatriota e amigo, merece um canto do vosso jornal, podeis publicá-lo, quando não nem por isso deixará de ser verdade o que deixa dito o vosso particular amigo e ex-collega.

M. Justino de Azevedo.

N. B. — As festas da imperatriz foram suspensas e a côrte tomou lucto hontem mesmo. Os navios portuguezes *Santa Cruz* e *Alice* ficam de bandeiras em funeral.

**Retirada de navios.** — Desmentidos to-

dos os infundados boatos, que corrêrão sobre os sordens em Lisboa e perigos que corrêrão os habitantes residentes em Portugal, deu-se ordem para que a «*Villa de Bilbao*» passe a Cadix, e o vapor «*Isabel II*» para Algeciras, onde esperará Muley Abbas.

**Monumento a Cavour.** — Diz o *Nord*:

«O principe Napoleão e a princeza Clotilde subscrevendo o primeiro com 5:000 francos e a segunda com 2:000 para o monumento do conde de Cavour, dignaram-se dirigir as duas seguintes cartas aos membros da commissão encarregada de receber as quantias destinadas áquelle fim.

Senhor. — Ao regressar de uma longa viagem consta-me que se acha aberta uma subscrição para se elevar um monumento ao conde de Cavour. Os serviços que o vosso compatriota prestou ao seu paiz, auxiliando o rei Victor Manuel a realizar a emancipação e unidade da Italia, marcaram o seu logar entre os grandes homens do seculo XIX.

Ligado a este homem d'estado pelos laços de uma sincera e viva amizade, desejo prestar uma derradeira homenagem á sua memoria, e peço-vos que me incorporeis no numero dos vossos subscriptores com a quantia de 5:000 francos que eu mando entregar ao ministro da Italia em Paris.

Acredita, senhores, na sinceridade dos meus sentimentos. — Napoleão (Jeronymo.)

A carta do principe Clotilde é concebida nos termos seguintes:

«Senhores. — Tornando-me franceza pelo meu casamento, o meu coração continua sendo dedicado á Italia. Considero-me feliz em poder provar-o hoje, reunindo-me a meu marido n'uma circumstancia em que se trata de honrar a memoria de um homem como o conde de Cavour.

Entrego ao ministro de Italia, em Paris, a quantia a que monta a minha subscrição, e peço-vos senhores, que acrediteis nos meus sinceros sentimentos. — Maria Clotilde Napoleão.»

**Navio encouraçado.** — Os jornaes de Now-York, diz o *Jornal do Porto* dão alguns pormenores sobre o combate naval de Nova-Orleans, que merecem mencionarse, porque é a primeira acção em que se apresenta um navio com couraça. Este, chamado o «*Enoch Train*», avançou direito ao navio federal «*Keble*» sem disparar um tiro e o metteu immediatamente a pique, abrindo-lhe um rombo com o auxilio do esporão ou talhamar.

Os demais navios da esquadra derão uma descarga geral sobre o que tinha couraça, porém os projectis resvalaram sobre este, que é de aço, sem lhe cansar damno algum.

O vapor encouraçado dirigiu-se então para os que lhe tinham feito fogo, os quaes vendo o que acontecera ao seu companheiro, tratarão de fugir, e então foi quando encalharão.

**Queda.** — O *Jornal do Havre*, diz que na ultima caçada de Compiègne o duque do Porto (hoje el-rei D. Luiz I) seguia com ardor a caça, e que, ao voltar de um caminho, o cavallo tropeçára, lançando o principe a terra. O sr. D. Luiz segundo diz o jornal francez, levantou-se logo e continuou a caçada, e ao jantar imperial não parecia resentir-se da queda.

**Commercio infame.** — Diz a *Revolução de Setembro* Segundo refere o *Progresso* de Lyon, um recrutamento de um genero especial costuma fazer-se naquella cidade, e contra o qual, é altamente opportuno prevenir o publico. Eis aqui como se procede a elle. Uma senhora que veste com mais luxo do que gosto, dirige-se aos palacios e ás casas grandes em busca de donzelas, ás quaes offerece logares muito vantajosos em Londres, já como aias ou camaristas, já como caixeiros de armazens. Todas as despesas da viagem, e ao mesmo tempo os adiantamentos necessarios, são feitos por aquella senhora, que quasi sempre leva uma joven linda: quer saber o leitor e que succede depois?

Uma joven declarava no dia 4 do corrente ante os jurados de Middlesex, em Londres, que tinha sido ajustada por conta de um francez chamado Philippe Delfosse, a casa de quem chegou no anno ultimo, crendo que ia occupar um logar que lhe havia sido offerecido, em um dos melhores armazens de Regen Street. Os primeiros dias passou-os ella em ver a cidade, e no sabbado seguinte apresentaram-lhe uma conta de 21 libras esterlinas. Não podendo pagá-la foi encerrada debaixo de chave, e despojada de todos os enfeites e fto que tinha, e ameaçada com a prisão. Um protector se lhe apresentou logo, protector velho e rico, que se offereceu para pagar metade da conta, depois apresentou-se-lhe outro, em seguida um terceiro, e assim successivamente. Esta desgraçada durante todo o anno viu-se na impossibilidade de pagar toda a conta, passando-o no envilecimento e na abjecção.

Delfosse commercia de este modo, e tinha duas casas mui conhecidas em Regen-Street numero 9, e Hay-Market numero 10; porém a policia declarou que tinha pelo menos seis, e que recrutava continuamente esta classe de raparigas por meio dos seus complices, nos povos e cidades do continente, tendo adquirido tão vilmente uma opulenta fortuna.

O jury, composto metade de inglezes e metade de francezes, declarou o culpavel, e o magistrado condemnou-o a dois annos de trabalhos forçados. Uma mulher chamada Bon, sua cumplice, foi tambem condemnada a seis mezes da mesma classe de trabalhos.

**Prodigio musical.** — Em uma carta de Veneza, conta-se que um professor de musica daquella cidade descobriu um prodigio de que provavelmente não ha exemplo: isto é um cantor, que é ao mesmo tempo baixo, baritono e tenor. O professor de caminho para Rovigo demo-

rou-se para descansar em uma estalagem da estrada. De repente uma voz de baixo magnífica começou a cantar, no quarto proximo a aria de «Silva» do «Ernani». Concluida esta, um sonoro bariton cantou o conhecido «Lo Vedrem ó voglio audace» O professor estava arrebatado de admiração por estas duas vozes, quando um vibrante tenor cantou com grande extensão vocal a aria final de «Edgardo» na «Lucia.»

O professor não pode conter a sua admiração, e dirigiu-se ao quarto proximo para dar os parabens aos cantores de tão admiravel tercetto, quando com grande surpresa viu que no quarto estava apenas um rapaz, que declarou ser quem cantara só tres trechos musicas.

Feita a prova, ficou demonstrado que o rapaz dizia a verdade, e que a sua voz composta toda de sonoras notas de peito, percorre uma extensão nunca vista, e considerada até agora cousa impossivel.

Espera-se que o professor consiga que este Cresco de vozes, que é filho de paes remediados, se preste a cantar nos theatros. (A Epocha.)

**Eleições municipaes.** — Consta que fôra eleito presidente da camara municipal do concelho de Oliveira do Bairro o exm.º sr. Augusto Ferreira Pinto Bastos. Da intelligencia, probidade, e patriotismo de s. ex.ª deve o municipio esperar muito.

Estamos seguros que a sua vereação ha de ser proveitosa a quem o elegeu.

**Mais.** — No concelho de Vagos foi eleito o sr. Duarte Justiniano da Roza Vidal.

Os serviços já prestados por este sr. ao concelho, são segura garantia, de que elle ha de zelar os interesses dos povos, e empenhar-se pela prosperidade do municipio: são seus collegas na vereação os srs. Manuel Cypriano da Silveira Pimentel — Januario Pedro d'Almeida — Domingos Martins — e Joaquim João.

**Noticias da corte.** — Do Diario do dia 24 do corrente transcrevemos o seguinte:

SS. MM. e S. A. o sr. infante D. João passam sem novidade em sua importante saude.

S. A. o sr. infante D. Augusto teve hontem pelas cinco horas da tarde exarcebado febril, que se prolongou pela noite e madrugada. A estas horas (dez da manhã) a febre tem remittido.

Paço de Belem, 22 de novembro de 1861.  
—Barã Kessler—Dr. Bernardino Antonio Gomes  
—Dr. Francisco Antonio Barral—José Eduardo de Magalhães Coutinho—Manoel Carlos Teixeira  
—Manoel José Teixeira.

**A Imprensa estrangeira, e D. Pedro V, o infeliz.** — A imprensa estrangeira tambem tem partilhado dos desgostos que affligem a nossa nação.

Eis o que diz a *Independencia Belga* com referencia á morte do nosso sempre chorado monarcha:

«Um telegramma de Lisboa annuncia-nos uma triste noticia, presentida ha dois dias. O rei D. Pedro morreu hontem (11) E' uma grande perda para Portugal. Joven, activo, intelligente, bom. D. Pedro tinha todas as qualidades, que fazem os principes illustres; o seu povo amava-o, e estimava-o; conhecia, que tinha nelle um guia seguro, animado do amor do bem publico, e apesar da sua mocidade, maduro para os penosos deveres da realza. A dedicação heroica, que o joven soberano mostrara, quando a cholera despojava Lisboa, tinha dado d'isso aos portugezes um testemunho, cuja lembrança se não apagará da sua memoria.

Dessa brilhante familia de principes, que proveio do casamento de D. Maria com o principe Fernando de Saxe-Coburg, não resta hoje senão um joven de 13 annos, o infante D. Augusto, affectado da molestia que roubou seus irmãos, e cujo estado inspira tambem vivas inquietações, e os outros dois irmaos do defuncto rei, os duques do Porto e Beja, que felizmente chegaram á idade viril;—um tem 23. outro 19 annos. Estão neste momento em caminho para o seu paiz, pelo mar. Só ao desembarcar é que saberão a desgraça, que os feriu, e os seus novos destinos, que fazem d'um um soberano, e do outro o herdeiro da corôa.»

## CORREIO

LISBOA 24 DE NOVEMBRO

(Do nosso correspondente.)

Cá e lá mais fadas ha. Tem sido muito conservado, em todas as epochas, o modo por que são feitas entre nós os orçamentos do estado. Em todos os tempos se tem dito que o orçamento não exprime a verdadeira importancia da despesa publica, e que todos os ministros procuram esquivar-se a appresental-o ás côrtes e ao paiz com a devida exactidão, descrevendo com lealdade a nossa situação financeira.

Não entrarei agora na analyse circumstanciada do muito que se tem dito. Creio, até, que independente do espirito de parceria com que se fazem muitas arguições a todos os ministerios, não deixa de ser merecida a censura na questão do orçamento.

Entretanto, o que se vê d'um recentissimo acontecimento que houve em França é que o defeito não é sómente de cá.

Naquelle paiz tambem o orçamento tem sido uma brincadeira ministerial. Quando o orçamento era appresentado ao poder legislativo, não se dizia toda a verdade, e lá vinham depois os creditos supplementares suprir as lacunas daquelle trabalho do governo, motivando similhante expediente com grave transtorno nas finanças da França, e com grande abalo no credito publico.

Mas em França houve um homem que tomou sobre si o encargo de explicar o abysmo a

que tal systema poderia levar o credito francez, e um imperante houve tambem que, reconhecendo a exactidão das verdades que lhe eram expostas, intendeu de primeira necessidade pôr um termo ao erro, e chamar para o ministerio da fazenda o cavalheiro que lhe fallara com tanta franqueza e lealdade.

Mr. Achilles Fould foi nomeado ministro das finanças pelo imperador Napoleão; está, pois, no caso de reduzir a factos proveitosos para o seu paiz as theorias que appresentou e defendeu tanto no conselho d'estado, como no conselho de ministros.

O relatorio de mr. Fould é emportante, e digno de ser lido. E' pena que nenhum dos jornaes portugezes o transcrevesse ainda, quando aléas se occupam de traduzir das folhas estrangeiras toda a especie de frioleira que encontram na secção noticiosa daquellas folhas.

Depois de exper como desde longa data são feitos os orçamentos, e quanto é util e indispensavel a sua discussão e approvação por capitulos, o ministro Fould diz que: «estudando a questão financeira, é facil de prevêr que a França se encontraria em presença de graves difficuldades, se não mudasse de systema. . . . . O verdadeiro meio de conjurar a crise, continua mr. Fould, consiste em obrar com promptidão e decisão, extirpando o mal na sua origem por meio da supressão dos creditos supplementares e extraordinarios.»

As allegações do ministro francez são exactissimas. De que serve que os orçamentos sejam approvados por capitulos, quando ao governo fique livre o arbitrio de augmentar, por meio dos creditos supplementares, as verbas que estão votadas para cada um dos mesmos capitulos?

O que se segue deste systema é que os governos, para não assustarem os parlamentos, pedem menos talvez do que necessitam para as despesas publicas, e vingam-se depois nos creditos supplementares para as satisfazer. Por este modo augmenta-se fabulosamente a somma da divida fluctuante, e chega-se a um tempo em que esta divida toma proporções assustadoras, como agora estava acontecendo em França.

Que os governos estejam auctorizados a levantar creditos supplementares para circumstancias extraordinarias, isso intendo eu; mas que dos creditos supplementares e extraordinarios se faça um expediente ordinario da governação, nem o comprehendendo, nem votaria nunca por similhante systema.

Os ministros tem obrigação de dizer a verdade aos povos. E' melhor que francamente lhes digam quanto necessitam para governar, isto é, com quanto elles devem contribuir para os encargos do estado, do que apresentar no papel calculos lisonjeiros, e encobrir por algum tempo a verdadeira situação financeira, para depois apparecerem os embaraços e as difficuldades que suspendem a acção benefica do credito, e expõe as nações a terriveis abalos.

A coragem de mr. Fould queria eu que fosse imitada por nós. Assim como cumpre dizer aos povos que devem pagar se querem melhorar de condições, e gosar das commodidades da civilização, assim tambem os ministros devem ser muito escrupulosos em offerecer ao exame das côrtes o nosso estado financeiro, aquillo de que precisamos para acudir a todas as necessidades do serviço, e os meios e recursos com que nos é licito contar.

A memoria de mr. Fould e a sua entrada para o ministerio tem sido muito festejadas em França, que espera dos talentos e da lealdade do ministro a mudança completa da situação financeira naquelle paiz, onde os receios e apprehensões do credito começavam a produzir terriveis resultados para o seu commercio, para a sua industria, e, principalmente, para o seu poder interno e influencia externa, como grande nação que é.

Houve tempo em que se intendeu que a diplomacia consistia em enganar. Isso passou de moda. Hoje a diplomacia entrou n'uma fase nova, e todos os governos verdadeiramente liberaes entendem que tanto mais facil é de ganhar uma questão no campo diplomatico quanto maior é a franqueza com que é apresentada e tratada.

O que aconteceu com a diplomacia ha de necessariamente vir a succeder com o systema financeiro dos ministros. Quanto mais leaes forem, maior será o seu prestigio sobre o credito.

Pode ser que me engane; mas esta minha opinião nasce d'um convencimento intimo.

Se ha para Portugal lenitivo na magoa por que acaba de passar, deve-o ter, por certo, na consideração com que tem sido tratado pelas outras nações e pelos seus governos na conjunctura dolorosa, que produziu o fallecimento do sr. D. Pedro V.

Temos muito que agradecer a todos os imperantes, e não menos á imprensa de todas as nações. De todas temos recebido provas do extremo affecto e consideração.

O sr. Infante D. Augusto continua experimentando sensiveis melhoras; entretanto, não é considerado ainda livre de perigo.

No dia 26 tem logar a cerimonia da quebra dos escudos, e no dia 27, pela uma hora da tarde, ha cumprimentos de pezames, no paço d'Ajudá, pelo motivo da sentida morte do sr. D. Pedro V e do sr. infante D. Fernando.

Corre como certo que o fallecido soberano enviava mensalmente e do seu bolsinho a quantia de 240,000 rs. ao sr. D. Miguel de Bragança. Tambem se diz que entre os papeis do fallecido monarcha foram encontradas duas cartas do punho do principe proscripto.

Brevemente ha de celebrar-se no Campo Pe-

queno nma missa por alma d'el-rei, a que vae assistir toda a guarnição de Lisboa.

Receberam-se hontem jornaes dos Açores, que alcançam até 9 do corrente. Procedeu-se no districto d'Angra á eleição d'um deputado, pela vagatura do sr. Fontes, e sahiu eleito o sr. Toste, deputado ministerial.

Entre os passageiros da ilha de S. Miguel, chegados hontem a este porto no vapor *Agoriano*, veio o sr. Antonio Augusto Coelho de Magalhães.

Hontem pela noutinha appareceram pregadas pelas esquinas das ruas da baixa algumas proclamações manuscritas, em sentido adverso ao ministerio, porque, diziam as taes proclamações, o governo era lazzarista. A policia incumbiu-se de as rasgar, e anda na pista dos auctores.

Ha hoje uma grande reunião na sala do risco, para o fim de se propor que se erga um monumento á memoria do sr. D. Pedro V. Para esta reunião estão convidadas as principaes pessoas de Lisboa.

No dia 30 de setembro verificou-se a inauguração do porto artificial em Ponta Delgada. Houve um grande entusiasmo, e o jubilo não podia ser maior entre os habitantes. Alem das moedas portugezas que foram lançadas no cabouco, encerrou-se egualmente debaixo da pedra inaugural um pergaminho em que se continham as seguintes palavras:

«Esta primeira pedra do novo porto de Ponta Delgada foi deitada no reinado de S. M. o sr. D. Pedro V, por s. ex.ª o sr. Felix Borges Medeiros, governador civil deste districto, e presidente da junta creada pela carta de lei de 9 de agosto de 1860 para administrar os fundos destinados á construcção do dito porto, neste dia 30 de setembro de 1861.»

O marechal Saldanha já entrou em convalescença, a qual será lenta, em consequencia do estado de abattimento a que chegou o illustre enfermo.

Foi nomeado vogal da commissão directora da exposição de productos nacionaes em Lisboa e dos trabalhos preparatorios para a de Londres, o sr. Agostinho Vicente Lourenço, engenheiro civil pela escola central de Pariz.

No dia 21 chegou o sr. conde de Thomar, vindo da Figueira.

O premio do cincoenta contos sahiu na casa do cambista Peres, Decididamente este cambista está sendo tão afortunado como o foi o feliz *Pão Quente*, muito conhecido nesta cidade.

Não tenho noticias politicas para lhe dar. Veremos se, com a abertura das camaras, se verificam os boatos de modificação ministerial, que circulavam ainda em vida do sr. D. Pedro V.

## EXTERIOR

Turin, 16.— Segundo dizem alguns jornaes, Cialdini deu a demissão de commandante do 4.º corpo de exercito, e Ratazzi deixará a presidencia da camara.

Diz a *Nation* que em um encontro que tiveram os francezes e os reaccionarios, cahiram em poder dos francezes duas participações officaes com o sello das armas pontificias, de um sargento da gendarmeria do papa, datados a 3 de setembro, e dirigidas a Chiavone, que era nellas qualificado de general.

O secretario cardeal Andréa foi dosterrado por ordem do papa.

Napoles, 14. — Chiavone, perseguido pelos francezes, entrou no territorio italiano, occupando o Isolath. A tropa de linha e a guarda nacional marcharam contra elle.

Londres, 16. — As noticias de Nova-York alcançam a 5. Os generaes Price e Macenlot reuniram todas as suas forças, compostas de trinta mil homens, e tratam de atacar Fremont.

A imprensa ingleza em geral elogia a carta de Napoleão e a Memoria de mr. Fould.

Pariz, 16. — Começa a agitação na Galitzia, o que produz receios a Veneza, por isso que o governador foi chamado pelo telegrapho para tratar dos meios de tranquillisar os animos.

E' dploravel o interior do Mexico. Houve um encontro entre 22:000 homens de tropa do governo e os partidarios de Galvez. Butron e Cobes.

As tropas daquelle perderam 4 peças, deixando muitos mortos e prisioneiros.

Rebentaram movimentos revolucionarios em Tampico e outros pontos. Em Guadalajara mediavam graves contestações entre o vice-consul de Hespanha e o governador Uragon, acerca de uma contribuição extraordinaria imposta aos estrangeiros residentes naquella cidade.

As tropas francezas reunidas em Roma vão tomar o nome de corpo de exercito de occupação em Roma.

Turin, 18.  
O general Cialdini deixou o commando do 4.º corpo de exercito, e sahiu para Pariz.

Londres, 18.  
A *Gazeta de Londres* diz que o convenio relativo á intervenção do Mexico está conforme com as clausulas já conhecidas.

As potencias aliadas compromettem-se a não intentar acquisição alguma de territorio, e a respeitar o direito que os Mexicanos tem de eleger livremente o governo.

Na *Correspondenci d'Hespanha* lê-se o seguinte:

«No dia 14 do corrente celebraram-se na capella do palacio de S. Telmo, em Sevilha, exequias solemnes por alma de sua magesta el-rei o senhor D. Pedro V, de saudosissima memoria, assistindo a ellas os srs. duques de Montpensier com seus filhos, todos os seus creados e familiares, e o consul portugez, a quem sua alteza mandou convidar.»

**MOVIMENTO DA BARRA**  
**Aveiro 21 de novembro**  
ENTRADAS  
PORTO Hiate port Novo Atrevido, m. M. Marques, 7  
pessoas de trip. vasilhas mercadorias.  
PORTO, Hiate port. Feliz Distino, m. J. da Rocha, 7  
pessoas de trip. lastro.  
PORTO, Rasca port. Correo d'Aveiro, m. J. Simões, 8  
pessoas de trip. carvão e ferro.

## ANNUNCIOS

### REVISTA AGRONOMICA

**Encyclopedia periodica de agricultura nacional e estrangeira.**

Publicou-se em brochura de 24 paginas com as gravuras necessarias para a intelligencia do texto. Assigna-se por— 2\$000 rs. por anno; 1\$000 rs. por semestre; e 500 rs. por trimestre, — no Porto, em casa do sr. Oliveira, & C.ª rua de Santo Antonio, 49; em Lisboa, nas lojas dos srs. Silva Junior & C.ª, Praça de D. Pedro, e Lavado, rua Augusta.

Este periodico, occupando-se de todos os assumptos interessando a nossa agricultura, conta já seis annos de existencia. Alem disto está ao alcance de todas as intelligencias do mesmo modo que está ao alcance de todas as bolsas.

**A mesa da archi-confraria do Santissimo e Immaculado Coração de Maria d'esta cidade agradece a todas as autoridades, empregados, ecclesiasticos, e cavalheiros, que se dignaram annuir ao seu convite, e bem assim a cooperação, que todos lhe prestaram, para que as exequias solemnes, que no dia 22 do corrente fez celebrar pelo descanso eterno do S. M. F. o Senhor D. Pedro V, plenamente ao fim, a que o acto se destinava.**

**Os alumnos da aula de geographia do Lyceu Nacional d'esta cidade, penetrados de gratidão e saudade, vão mandar resar uma missa na egreja da Misericordia por alma de S. M. F. o Senhor D. Pedro V, o protector das letras, e o amigo do povo. O dia 28 do corrente pelas 9 horas é o destinado para aquelle acto religioso, ao qual rogam a assistencia de todos os estudantes do Lyceu, e de todas as pessoas que quizerem acompanhal-os nos seus sentimentos de gratidão por o defuncto Rei de saudosa memoria.**

**A requerimento de Francisco Marques da Costa, de Sarrazola, correm editos por trinta dias, contados de doze do corrente, a citar o ausente Manuel Pereira Antão, do mesmo logar, para dentro de dez dias pagar ou nomear bens á penhora na execução de que é escrivão Moraes.**

## EDITAL

**Francisco Antonio da Costa Guimarães, recebedor da comarca d'Aveiro, etc.**

**Paço saber, que tendo-me sido entregues pelo escrivão de fazenda do concelho de Aveiro os conhecimentos para a cobrança de decima de juros, e da contribuição industrial relativa ao anno de 1861 se acha aberto o cofre para a sua recepção, por espaço de trinta dias a começar no dia dois de dezembro proximo futuro, e findar em outro igual dia do mez de 1862, devendo realizar-se a cobrança de todas as freguezias deste concelho, na casa da minha residencia na Praça do Commercio, desta cidade, desde as nove horas da manhã até ás tres da tarde; e findo este, ficam os contribuintes obrigados ao pagamento da quota dos 3 por cento para a fazenda nacional, e a serem relaxados administrativamente, depois de avisados por editaes publicos e affixados nos lugares ordenados pelas leis vigentes, e ás mais penas por ellas estabelecidas.**

**Recebedoria da comarca de Aveiro 22 de novembro de 1861.**

**Recebedor da comarca, Francisco A. da Costa Guimarães.**

RESPONSAVEL — Manoel Cypriano da Silveira Pimentel.

Typographia do Districto de Aveiro.